

Inflação global dos alimentos traz fartura para muitas empresas

David Kesmodel, Laura Ettere Aaron O. Patrick

Enquanto a inflação dos alimentos aflige os pobres do mundo, várias empresas do ramo sediadas em países ricos vivem uma era de vacas gordas.

Os lucros estão em crescimento para as empresas que processam grãos, vendem fertilizante, fabricam máquinas agrícolas e fornecem sementes para os produtores. Algumas empresas de alimentos industrializados também vão bem. Elas se beneficiaram do salto recente na demanda mundial por grãos e alimentos, numa época em que os estoques estão no limite.

O indício mais recente da bonança veio da gigante do processamento de grãos Archer Daniels Midland Co. A empresa divulgou alta de 42% no lucro do terceiro trimestre fiscal, incluindo um crescimento de sete vezes no lucro de sua divisão que armazena, transporta e negocia grãos como trigo, milho e soja. "A volatilidade no mercado de commodities criou oportunidades sem precedentes", disse a diretora-presidente, Patricia Woertz.

A alta acentuada no custo da alimentação causou tumultos na África, armazenamento especulativo em parte da Ásia e levou alguns países a limitar as exportações. A crise, que algumas pessoas já consideram a pior dos últimos 30 anos, surgiu a partir da combinação de um aumento da demanda em países em rápido crescimento, como a China, uma queda nos estoques de grãos por causa de clima ruim, e da parcela crescente das terras aráveis que é usada para plantar matéria-prima para combustíveis, em vez de alimentos.

O secretário-geral da ONU, Ban Ki-moon, recomendou a criação de um grupo de trabalho de alto escalão para lidar com o impacto em cascata da alta dos grãos e do petróleo. Ele disse que os países devem fazer mais para evitar uma "desordem social numa escala sem precedentes". Para ele, as nações devem contribuir especialmente para diminuir o déficit de US\$ 755 milhões no Programa Alimentar Mundial, que fornece comida para os famintos do planeta.

Com a inflação dos alimentos em cerca de 5% nos Estados Unidos, o nível mais alto desde 1990, alguns políticos estão começando a agir. O senador democrata Charles Schumer marcou para amanhã uma audiência no Congresso com o objetivo de analisar como a inflação dos alimentos afeta as famílias americanas e propor possíveis soluções.

Alguns Estados americanos, contudo, estão atacando a onda do álcool combustível, temerosos de que ela esteja impulsionando o preço dos alimentos. Políticos de Missouri estudam anular uma lei que incentiva a produção de álcool, enquanto que o governador do Texas, Rick Perry, pediu para ficar de fora de uma lei federal que determina que as petrolíferas do país misturem, até 2015, cerca de 56,8 bilhões de litros de combustível à base de milho ao suprimento de gasolina. Atualmente no país, nove bilhões já são adicionados.

A proposta de Perry é defendida por dois grandes prejudicados pela alta dos grãos: as produtoras de carne Tyson Foods Inc. e Pilgrim's Pride Corp. Na segunda-feira, a Tyson divulgou prejuízo de US\$ 5 milhões no último trimestre, resultado influenciado pela alta dos grãos para a ração dos frangos. No início do mês, a Pilgrim's Pride informou que planeja diminuir em 5% o abate semanal de frangos, para compensar o alto custo dos grãos.

As empresas que operam mais perto dos produtores são as que mais estão se beneficiando da alta dos alimentos, enquanto outras, mais distantes na cadeia produtiva, estão sofrendo porque não podem repassar todos os aumentos aos consumidores, já prejudicados pelo enfraquecimento da economia.

Cheios de dinheiro depois de anos de vacas magras, os produtores estão pagando mais por sementes, fertilizantes e máquinas agrícolas para atender à demanda crescente por seus produtos.

O lucro da Monsanto Co., que produz sementes e herbicidas, mais que dobrou no último trimestre. Concorrentes como a DuPont Co. e a Syngenta AG aumentaram recentemente suas previsões de lucro. A Deere & Co., que fabrica tratores, colheitadeiras e pulverizadores, divulgou alta de 55% no lucro do trimestre mais recente. O lucro da fabricante de fertilizante Mosaic Co., por sua vez, cresceu cerca de 20 vezes.

"Todo mundo que está na base da cadeia vai se beneficiar", diz Ann Gilpin, analista da firma de pesquisa de investimentos Morningstar. "Eu não acho que vai durar para sempre, mas há fatores significativos que impulsionarão isso durante alguns anos."

A divisão de venda e gerenciamento de grãos da Archer-Daniels-Midland foi a estrela do trimestre encerrado em 31 de março. O lucro operacional subiu para US\$ 366 milhões, ante US\$ 46 milhões um ano antes. Sediada em Decatur, no Estado americano de Illinois, a base de seus negócios é comprar grãos dos produtores e revendê-los mais acima na cadeia produtiva, sejam eles processados numa variedade de produtos, como xarope de milho ou álcool, ou carregados em navios e balsas para exportação.

Woertz, a diretora-presidente, disse que sente pelo consumidor que está pagando mais caro pela alimentação, mas culpou o preço dos combustíveis, em vez dos grãos e dos biocombustíveis, dizendo que o debate da alimentação contra o combustível está "mal orientado". Ela respondeu enfaticamente contra as sugestões de que a política americana para o álcool deve ser revista. "Recuar dos biocombustíveis é errado, é tolice", disse.

Os principais concorrentes da ADM também estão lucrando. A Cargill Inc., de capital fechado, divulgou alta de 86% no lucro, para US\$ 1 bilhão, no trimestre mais recente. O lucro da Bunge Ltd. subiu 20 vezes, para US\$ 289 milhões. A Bunge vende fertilizantes, além de processar e armazenar grãos.

O custo cada vez maior dos ingredientes tem prejudicado as fabricantes americanas de alimentos industrializados, como a gigante Kraft Foods Inc. Mas na Europa a inflação impulsionou as vendas de duas das maiores fabricantes do mundo, a Nestlé SA e a Groupe Danone SA. Ambas repassaram a alta para os preços finais, aparentemente com pouco ou nenhum impacto nos lucros. A Nestlé aumentou em 5,3% o preço médio no atacado.

Como muitas empresas européias, a Nestlé não divulga os resultados do primeiro trimestre. Mas as vendas, comparadas ao mesmo período do ano passado, aumentaram 6%, para 25,7 bilhões de francos suíços (US\$ 24,84 bilhões). Excluídos os efeitos da variação cambial, aquisições e da venda de subsidiárias, as vendas subiram 9,8% - um salto respeitável para uma empresa tão grande quanto ela.

"Esse desempenho não tem precedentes", disse o diretor de relações com investidores da Nestlé, Roddy Child-Villiers, numa teleconferência com analistas na semana passada. A Nestlé anuncia que vai reforçar suas margens de lucro este ano, num sinal de que está conseguindo repassar os custos mais altos.

Fonte: Valor Econômico, São Paulo, 30 abr. e 1 mai. 2008, Empresas, p. B12.